

Uma leitura sociológica do neocolonialismo em África na perspectiva de Agostinho Neto

Dumilde Virgílio Carvalho Artur*

 <https://orcid.org/0000-0002-0859-8436>

RESUMO

Após a experiência do colonialismo ocidental no continente africano, várias foram as transformações no âmbito político (social e econômico). O processo das transformações políticas, com destaque às independências, não isentou todo um processo de desafios a serem superados, entre o quais, os resquícios das influências coloniais, o neocolonialismo. Deste modo, o nosso artigo busca entender de que maneira Agostinho Neto (Neto) entende o neocolonialismo em África e sobre que perspectiva sociológica podemos inserir sua leitura (de Neto). Como premissa hipotética, entendemos que a sociologia pode inserir a perspectiva de Neto, sobre o neocolonialismo em África, a partir dos estudos pós-coloniais. O que, de certa forma, contribui para avanços nos estudos teóricos da sociologia de modo geral, com destaque à realidade africana/angolana. Desta feita, com essa pesquisa, objetivamos, de maneira geral, apresentar uma leitura sociológica do neocolonialismo em África na perspectiva de Neto. Para tanto, o estudo é de revisão bibliográfica, descritiva de natureza qualitativa a partir de estudos da sociologia pós-colonial, destacando as especificidades sobre o neocolonialismo em África. Com a pesquisa, mediante a discussão principal de um dos discursos¹ de Neto, verificamos que para Neto é de suma relevância olhar o neocolonialismo como sistema.

PALAVRAS CHAVES

Colonialismo; Neocolonialismo; Angola; Neto.



A sociological reading of neo-colonialism in Africa from Agostinho Neto's perspective

ABSTRACT

After the experience of Western colonialism on the African continent, there were several transformations in the political (social and economic) sphere. The process of political transformations, with emphasis on independence, did not exempt a whole process of challenges to be overcome, including the remnants of colonial influences, neo-colonialism. In this way, our article seeks to understand how Agostinho Neto (Neto) understands neo-colonialism in Africa and from what sociological perspective we can insert his (Neto's) reading. As a hypothetical premise, we understand that sociology can insert Neto's perspective on neo-colonialism in Africa from the perspective of post-colonial studies. This, in a way, contributes to advances in theoretical studies in sociology in general, with an emphasis on the African/Angolan reality. With this research, we aim to present a sociological reading of neo-colonialism in Africa from Neto's perspective. To this end, the study is a bibliographical review, descriptive of a qualitative nature based on studies of post-colonial sociology, highlighting the specificities of neo-colonialism in Africa. With the research, through the main discussion of one of Neto's speeches, we verified that for Neto it is of paramount importance to look at neo-colonialism as a system.

KEYWORDS

Colonialism; Neo-colonialism; Angola; Neto

* Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, pela mesma universidade é licenciado em Ciências Sociais. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Pesquisador no grupo de pesquisa Identidade e Memórias das Classes Populares Rurais e Urbanas.

¹ Discurso extraído da organização textual de Ademar Burgo (2010). O discurso foi realizado no contexto da luta pela independência de Angola

Um leitura sociológica d neokolonialismu na afrika na prispetiva d Neto

RIZUMU

Dispos di spiriensa d kolonialismu ocidental na kontinenti afrikanu, kontici munti transformasons polítiku (social e ekonomiko). Prucesu di transformasons políticas, ku grande distaki na independênsia, ka fz kom k tudu prucesus di disafius superadus, komu, resquícius d influencias koloniais i neocolonialismu..Dez forma, k noz artigu sa buska intendi di k manera Agostinho Neto, intendi neocolonialismu d Afrika i també k prispetiva sociologica nu podi poi si letura (de Neto).ku primisa hipotética, nu intendi k sociologia podi inseri na perspetiva de Neto, ku neokolonialismu na Africa, dispos d estudus pós-coloniais. D'um forma , k ta kontribui pa avansus na studus teorikos d sociologia d modu geral, ku distaqui a realidadi africana/angolana. Ku iso, ku es pisquisa, nu obetivi, d manera geral, aprisenta um letura sociológica d neokolonialismu na afrika na prispetiva d Neto. Es estudu di rivison bibliográfica, discritiva di natureza kualitativa dispos d estudus d sociologia pós-kolonial, distakandu especificidadis d neokolonialismu na Africa. ku pisquisa, atrabez des discuson principal i um di kes diskurso d Neto, nu odja k pa Neto e txeu importanti odja neokolonialismu sima sistema.

PALAVRAS TXABI

Kolonialismu, Neokolonialismu, Angola, Neto.

Introdução

O Dr. António Agostinho Neto (de agora adiante Neto), primeiro presidente de Angola, foi nascido na região de Catete, distrito do município de Icolo e Bengo, um dos nove municípios da província de Luanda, a capital de Angola. Viveu entre os anos de 1922-1979, morreu como primeiro presidente da “extinta” República Popular de Angola, atual República de Angola. Líder histórico do partido que governa Angola desde a sua independência², o Movimento Popular para Libertação de Angola (MPLA). Entre seus (de Neto) contemporâneos de luta contra o colonialismo português destacam-se figuras como: Amílcar Cabral, na Guiné Bissau; Samora Machel, em Moçambique; e de figuras além do continente africano, como Fidel Castro.

No contexto angolano, Neto tinha como contemporâneos diversos independentistas, dentre os quais, damos ênfase a um dos mais celebres intelectuais de Angola, o considerado primeiro sociólogo angolano Mário Pinto de Andrade. A relação de Neto com a academia deveu-se, entre outros fatores, por ter sido filho pais de professores e catequistas pela missão da igreja metodista em Luanda. Desta feita, Neto frequentou seus primeiros estudos em Luanda até sua ida à Portugal para, então, dar sequência ao ensino superior em medicina pela Universidade de Lisboa.

Somando da “carreira” poética, é pela medicina e diplomacia que mais se associa o seu percurso pessoal, isso, mesmo antes da presidência de Angola. Neto é considerado um líder e intelectual ímpar de sua geração, razão pela qual tem o título

² Angola alcançou a sua independência, de Portugal, no ano de 1975.

carinhosos de *Kilamba*³ da revolução angolana. O ativismo político de Neto custou-lhe, em vários momentos de sua juventude, a liberdade, com prisões arbitrárias das autoridades portuguesas e perseguições que o levaram a organizar o processo da luta armada a partir do exílio. “O exílio produz seus feitos: “o pior mal que nos fizeram os portugueses- dizia um dos meus mais inteligentes amigos- é o de nos obrigarem a fazer a luta de libertação a partir do exterior” Eu concordo” (Neto, 2010, p.337).

A história de Neto, assim como dos líderes africanos de seu tempo, se confunde com a história da luta pelo fim da colonização, contra o neocolonialismo e pela liberdade dos povos oprimidos. Nesta senda, a biografia de Neto é indissociável da política, com destaque à luta contra o colonialismo e a sua entrega na elaboração de métodos para o alcance, não só da liberdade, como também, de equilíbrio nas relações da política africana no cenário internacional.

Nesse contexto, pensamos que se debruçar sobre o colonialismo é, também, levar em conta os atravessamentos das relações da política africana no cenário internacional. Para o efeito, os estudos das teorias pós-coloniais, se fazem necessárias. É a partir dessa relação que procuramos inserir a leitura de Neto como mecanismos de interpretação do neocolonialismo no continente africano e seus desdobramentos. Por essa razão, como questionamento de partida buscamos entender: de que maneira Agostinho Neto (Neto) entende o neocolonialismo em África e sobre que perspectiva sociológica podemos inserir sua leitura (de Neto). Como premissa hipotética, entendemos que a sociologia pode inserir a perspectiva de Neto, sobre o neocolonialismo em África, a partir dos estudos pós-coloniais. O que, de certa forma, contribui para avanços nos estudos teóricos da sociologia de modo geral, com destaque à realidade africana/angolana.

Observando alguns estudos em torno de Neto, como o de Andrade (1980), Laranjeira (1995) e entre outros, reparamos, apesar da pertinência e relevância desses estudos, uma contextualização de Neto apenas à sua atuação na política e, fundamentalmente, na poesia, muito pouco são os estudos que o destacam os discursos de Neto na contribuição teórica para os estudos pós-coloniais. Desta feita, a pertinência desse estudo deve-se, dentre várias outras razões, ao vazio que se tem nas literaturas de pensar Neto numa dimensão sociológica, a dimensão do que estamos considerando da sociologia pós-colonial. Partimos da ideia de que ler Neto é, também, inserir-se no âmbito dos estudos pós-coloniais numa perspectiva africana/angolana.

³ Uma expressão da língua Kimbundu, uma das línguas faladas em Angola, para se referir a um líder.

No entanto, a necessidade de um tratamento teórico epistemológico afincado se faz necessária. Desse modo, é objetivo geral dessa pesquisa apresentar uma breve leitura sociológica do neocolonialismo em África na perspectiva de Agostinho Neto. Damos ênfase ao discurso “Quem é o inimigo? E qual é o nosso objetivo” realizado, por Neto, em 1974. Para o efeito, a revisão de literaturas pós-coloniais e o particular destaque a um dos discursos de Neto antes da independência de Angola se constituem aqui como os principais métodos para a elaboração deste artigo. O artigo não esboça de maneira aprofundada as categorias aqui elencadas, nos debatemos com breves leituras e discussões de pensar Neto nos estudos da Sociologia e entender como os discursos de Neto elencam o particular destaque a olhar o colonialismo como sistema e, com isso, relação direta para um particular estudo.

Num dos estudos sobre a perspectiva pós-colonial de Bourdieu, o professor Julian Go (2018) deu avanços, de maneira metódica, no processo de compreensão e mapeamento do percurso dos estudos pós-coloniais na Sociologia pós-colonial. Por essa razão, olhamos a perspectiva da sociologia pós-colonial a partir das bases e mecanismos teóricos do autor.

Desta feita, estruturamos o nosso artigo em três secções. A primeira sessão apresentamos uma contextualização geopolítica e histórica de Angola e a sua relação com o colonialismo português. A segunda secção apresentamos de maneira resumida alguns dos estudos pós-coloniais dentro da sociologia. O terceiro e o último momento apresentamos a leitura do neocolonialismo em África a parti da perspectiva de Neto.

1. Breve contextualização da história recente de Angola

Comumente se compartilha a ideia de que Angola foi uma colônia portuguesa por mais de 500 anos e que após o “fim” da colonização portuguesa Angola teve quase três décadas de guerra civil, com o fim em 2002. Tal leitura facilita a compreensão de modo breve sobre os principais eventos que nortearam Angola, e o continente africano em geral, nos últimos séculos. Embora não se constitua a natureza de um estudo aprofundado desta vasta temática, nem nesta sessão, neste artigo buscamos situar, a nossa compreensão acurada sobre a leitura genérica e simplista que se tem sobre os principais acontecimentos do país nestes últimos séculos.

Angola é um país situado na região do atlântico Sul do continente africano. Segundo os dados apresentados pelo Banco Mundial (2024), nos dados de 2022, Angola tem uma população estimada em mais de 32 milhões de habitantes, conta com

aproximadamente 1.246700 km². O país é banhado por uma costa de mais de 1.650, o país se destacaria no processo de extração do Sal e melhores respostas não apenas na preservação do mar como também para o equilíbrio dos gritantes desafios no combate a desigualdade social que assola o país desde tempos imemoráveis.

Apesar do país ser rico em diversos recursos minerais como o ouro, ferro, cobre, diamante entre outros, é o petróleo a principal fonte de receita do PIB angolano, acentuado em mais de 60%. A elevada dependência que o país tem pelo petróleo o torna, também, menos diversificado no setor da receita da economia e mais vulnerável às oscilações do preço do petróleo no mercado internacional. Com a atual crise, que se deu no início da segunda década do século XXI, somando outros desafios socioestruturais, Angola tem, hoje, um elevado índice de pessoas abaixo da linha da pobreza. (Banco Mundial, 2024).

Angola como conhecemos hoje pertenceu a um aglomerado (histórico) de diversas estruturas político-administrativas independentes entre si (José, 2008). Ou seja, na atual república de Angola constam regiões de antigos reinos e organizações políticas que antecedem a presença invasora portuguesa, dentre estes destacamos os reinos: o império Lunda, o reino dos Ovimbundu, o reino do Ndongo, o reino do Kongo, os Nganguela, Ovambo entre outros, esses, pertencentes ao grande grupo etnolinguístico dos Bantu. E, os mais antigos habitantes da região, os San e os Khoi (Kiosa, 2021).

Apesar do país se conhecer como uma estrutura “herdada” do desenho colonial português, vale destacar que tal processo não se deu tão logo a chegada dos portugueses, há mais de 500 anos, em 1482, na foz do rio Zaire. Reproduzir tais discursos não se parece controverso como reforça o estereotipo de uma África passiva e que abriu-se à colonização e o tráfico de escravos sem nenhuma resistência. Segundo Neto (2010), é impossível pensar a dimensão de um país pequeno como Portugal e com elevada escassez de recursos técnicos e militares dominar e administrar as “suas” colônias do continente africano sem apoio técnico e econômico das principais potências coloniais europeias como a Inglaterra, por exemplo. E nós concordamos que não se deve considerar a colonização nos países africanos como eventos isolados e exclusivos de seus colonizadores direto.

Para Neto (2010), seria impossível sustentar a ideia de que Portugal colonizou Angola (como conhecemos hoje) por mais de 500 anos, muito menos a ideia de que Portugal teria sido a única “potência” exploradora de suas ex-colônias no continente africano. A título de exemplo, no caso de Angola, até os finais da colonização direta eram

os Estados Unidos da América (EUA) e a Inglaterra os países com os mais avultados investimentos em Angola. Quanto a questão da guerra civil, é quase unânime a discussão de literaturas que apontam as três décadas do conflito civil como o período de guerra que o país vivenciou. Em nossa compreensão, Angola, de modo geral, enfrentou mais de cinco séculos de conflito armado e civil, isso, desde as incursões e invasões bélicas do ocidente europeu.

Se estivermos de acordo que desde a presença colonial e bélica europeia/portuguesa não cessaram na região de Angola, desde as primeiras incursões em 1482, é correto afirmar que o ano de 2002 não pôs fim apenas ao conflito armado entre angolanos (na guerra civil), mas, também, findou a guerra secular das invasões militares do ocidente europeu. No entanto, é ano de 2002, que destacamos aqui como o início de uma Angola livre do conflito armado e das mortes sem conta de vários angolanos e angolanas.

Nesse âmbito, embora o país tenha alcançado, em 2002, o seu mais importante marco dos últimos séculos⁴, não queremos com isso, ignorar os eventos importantes do processo da luta pela independência política do país, em 1975, suas implicações no âmbito da dependência cultural e, fundamentalmente, econômica, sob o espectro da neocolonização. Por essa razão, a nossa próxima sessão busca analisar epistemologicamente as discussões sociológicas sobre a neocolonização e neocolonialismo e quais as figuras pioneiras na área.

2. Neocolonialismo e os estudos pós-coloniais na Sociologia

Entre as várias figuras de maior destaque nos estudos pós-coloniais, no continente africano, destacam-se nomes de figuras como: Kwame Nkrumah, Leopold Senghor, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Patrice Lumumba, Mário de Andrade. Na diáspora americana, Segundo Go (2018), os estudos pós-coloniais se deram a partir figuras como: Du Bois, Aimé Césaire, Frantz Fanon. A categoria pós-colonial, vale destacar, não se resume, no entanto, a um momento específico, ou seja, a um exato momento da pós-colonização ou pós-independência das antigas potências europeias. Tal situação pode se verificar pelo fato de que até, em muitos casos, vários dos percussores não presenciaram o período da pós-independência. No entanto, os estudos pós-coloniais resumem-se na ideia de estudos que visam à crítica de todo legado cultural violento do ocidente sobre as colônias. (Go, 2018).

⁴ A paz militar.

Talvez, por este motivo, grande parte da literatura do considerado primeiro sociólogo angolano, Mário Pinto de Andrade (MPA, 1928-1990) estiveram centrada no processo da crítica e compreensão das nuances culturais do que se concebe como civilização. Segundo o professor Kajibanga (1999), para o sociólogo MPA, a cultura é todo o processo por meio do qual regem as estruturas sociais inerente ao processo de transmissão por meio dos sistemas que a sociedade inserida a dispõe, seja pela oralidade, arte, escrita, símbolos religiosos ou outros meios. Nesse espectro, está no cerne das preocupações desses pensadores anticolonialistas africanos o lugar do negro africano no agenciamento de sua própria história.

Os estudos pós-coloniais partem da oposição das imposições que são atreladas a todo um sistema colonial. É parte do sistema colonial, ou imperial, a sistematização de um modelo de relação hierárquica, situando uns, os antigos colonizados, na base da pirâmide em detrimento de outros, as antigas potências, no topo da pirâmide.⁵ A colonização cria e recria novos padrões de existência e relação. Quijano (2014) em seus estudos sobre decolonialidade aponta como por meio do processo que consideramos global existe uma estrutura violenta que não só invalida outras formas de existência como impõe um único modelo de concepção de mundo, a partir daquilo que se vem debatido com o processo do eurocentrismo.

Segundo Quijano (2014), existem aquilo que podemos considerar novos padrões de poder mundial, ou domínio sobre os outros, entre estes destacam-se as ideias de raça, gênero e um novo padrão de controlo de trabalho. Entre essas relações, do sistema colonial, tem a questão do modelo econômico capitalista, que se insere como o cerne desarticulador das diferentes estruturas sociais, políticas e históricas, como aquelas a que o continente africano e suas disporás combatem.

A concepção das literaturas ao se referir sobre o continente africano e suas disporás, referem-se a um conjunto de sujeitos homens, mulheres, idosos e crianças que a partir do continente africano ou fora, como o caso das américas, enfrentaram nos últimos cinco séculos os mais violentos processos de dominação imperial europeu. (Andrade, 2017). Os desdobramentos dessa dominação se apresentam nos mais variados domínios, dentre eles no espaço acadêmico.

⁵ A pirâmide é aqui usada analogicamente para se referir ao globo.

Na sociologia, por exemplo, existem vários estudos marcados pela lógica neocolonial. A maneira como se dão as bases de várias literaturas das teorias sociais segmentam uma única maneira de pensar e estruturar as sociedades e isso é, na sua mais vil compreensão, o fundamento da colonização de saber. Pois: “Em geral, o colonialismo, no momento em que a história e o momento nacional o negam, consegue manter-se como verdade e valor”. (Fanon, 1968, p.123).

Fanon (1968) analisa as incursões violenta de todo processo que o colonialismo causa e causou nos países africanos, com destaque ao contexto argelino, e encoraja não apenas a luta contra o colonialismo, mas as organizações em torno dos seus contornos, como a questão do racismo e o analfabetismo gerado, que em muitos casos não tidos nem achados nos estudos das teorias sociais da sociologia. A sociologia dos estudos pós-coloniais surge, no entanto, como resposta de pensar as estruturas sociais a partir das organizações e autores que levam em conta as experiências e visões dos “dominados”.

Os estudos pós-coloniais na sociologia partem da perspectiva oposta dos primeiros estudos imperiais de olhar as coloniais como dados que respondem os interesses ocidentais. Nesse âmbito, Boudieu (1997) em seu estudo sobre os povos argelinos apresenta elementos que permitem pensar o colonialismo como um sistema per si e que, por entanto, exige um destaque de discussão. De acordo com Go (2018), pensar Bourdieu nos estudos de uma sociologia pós-colonial é levar em conta suas críticas aos variados estudos e teorias de modernidade que analisam as transformações e sistemas econômicos isentos da relação direta das transformações das disposições sociais.

A sociologia pós-colonial apresenta caminhos críticos da visão romantizadas sobre a qual está assente a percepção de cultura ocidental como tramite e parâmetro único de pensar as sociedades, realçando, assim, a lógica do *modus operandi* de das teorias dos estudos da modernidade. O olhar de Fanon (1968) ao impactos do colonialismo no continente africano, a preocupação de Andrade sobre o lugar do negro-africano no mundo, a partir do espectro cultural, entre outros e outras autores/as, apontam caminhos de pensar uma sociologia pós-colonial que apontem caminhos para construção de mecanismos e técnicas de ultrapassar as várias nuances do colonialismo e o neocolonialismo, mesmo quando dentro das instituições coloniais.

3. Neto e a sua perspectiva sobre o neocolonialismo

Neto teve sua formação universitária em Portugal, tendo sido preso algumas vezes, em Portugal e posteriormente em Angola, aquando do início das suas atividades

profissionais, a medicina. A sua relação com o sector da saúde não isentou Neto de sua relação com a militância contestatária do regime colonial português e, com isso, seu engajamento intelectual que o insere nos mais celebres intelectuais que pensaram a colonização, neocolonização e caminhos para a superação dos impactos por ela causada.

Em um dos seus celebres poemas, do livro *Sagrada esperança* (1987), Neto realça a importância do agenciamento da luta e organização assentes no interesse de ação no presente. Para Neto, a luta pelo fim da colonização e do neocolonialismo depende de uma mobilização e organização a partir da experiência do colonizado. citando:

“[...] Mas a vida
matou em mim essa mística esperança
Eu já não espero
sou aquele por quem se espera
Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
paridos para um fé que alimenta a vida
[...] somos nós mesmo,
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros e ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico. (Neto, Poema Adeus a hora da largada In: *Sagrada Esperança*, 1987, p.37)

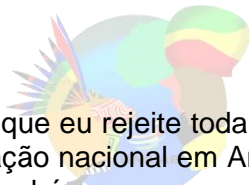
O modelo da poesia anticolonial de Neto, o seu engajamentos à luta armada pelo fim do colonialismo português em Angola contribuíram para aquilo que estamos considerado a perspectiva sobre o neocolonialismo de Neto. Essa perspectiva é aqui analisada em detrimento de um dos seus discursos, que destacaremos os trechos adiante, aquando do processo da luta pela libertação em Angola.

Nos termos do discurso de Neto podemos classificar a natureza de sua incursão intelectual e leitura sobre o processo de colonização e neocolonização em África. Nos últimos tempos, passa-se uma falsa de ideia que as organizações e luta contra o sistema colonial ocidental são discussões ou ultrapassadas ou do passado. Exigindo, desse modo, que os fenômenos sócio-estruturais sejam analisados a partir de si. Sendo que, como nos mostra Wood (1995), enquanto estivermos sobre as artimanhas do capitalismo como estrutura das organizações da vida social, questões como democracia, violência de gênero, desigualdade racial e, até mesmo, os impactos as questões ambientais estaremos diante das mais nefastas faces do que resultou a colonização.

Neto não analisa o colonialismo e o neocolonialismo à par das relações econômicas: para Neto, os problemas das várias naturezas resultantes do colonialismo- como a questão da desigualdade racial, a exploração do trabalho camponês e outros- não poderão ser ultrapassados sem a concentração de forças na questão macro, o sistema colonial. Ou seja, o colonialismo em si é um sistema.

Se para uns, colonialismo significou e significa trabalho forçado, para outros é discriminação racial; para outros ainda, é a segregação econômica e a impossibilidade de ascensão política. Mas o roubo das terras africanas pelos colonizadores, a escravização do trabalhador, o castigo corporal, ou a intensiva exploração dos bens que nos pertencem são formas do mesmo colonialismo; a capacidade de cada um se aplicar com maior ou menor inteligência e clareza na dinâmica pela solução do problema colonial depende da larga compreensão de todos esses fatores. (Neto, 2010, p.324).

Essa explicação da leitura de Neto sobre a compreensão em larga escala para resolução dos problemas da colonização dá a ideia, em certa medida, de que, para Neto, a solução para o combate do colonialismo está alicerçada no fator crucial: a questão do imperialismo.



Mas permitam-me também que eu rejeite toda e qualquer ideia que deseja transformar a luta de libertação nacional em Angola em luta racial. Eu direi que, em Angola, a luta também assume o aspecto racial, pois que a discriminação se faz. A exploração do negro se faz. Mas ela é fundamentalmente uma luta contra o sistema colonial e contra o seu aliado principal, o imperialismo. (Neto, 2010, p.334).

Colocar o imperialismo como o centro da luta é entender que existe axiomáticamente o fator capitalismo como o fator fundamental do insucesso das relações possíveis na sociedade. Segundo Wood (1995), não existem margens de superação dos vários desafios sociais porque o capitalismo opera no sentido de aprofundar as explorações, é lógica capitalista o não reconhecimento de identidades, o plano extra-econômico, como premissa de ver lucro sobre elas.

É por essa razão que Neto olha para aquilo que ele entende como problema do objeto, o imperialismo, e apela à discussão em torno dos desafios globais, estando do caso que se particulariza no continente africano.

A luta de libertação nacional na África, na minha opinião, não pode ser desligada do contexto atual em que se desenvolve, nem pode se isolar no mundo. Uma greve de trabalhadores na Inglaterra, a imposição do fascismo ao povo chileno ou uma explosão atômica no Pacífico, são fenômenos da mesma vida que estamos a viver, através da qual

procuramos as vias para uma existência feliz para o homem sobre a terra. O fato universal é portanto particularizado na África, através das formulações correntes no plano político, econômico e cultural. (Neto, 2010, p.322)

Para Neto, mesmo após as independências políticas dos vários países do continente africano, os desafios se aprofundavam, ainda mais, no plano econômico e cultural. É, portanto, no neocolonialismo que se aprofundam os desafios histórico-culturais e econômicos no continente africano.

Os chamados regimes racistas de minoria branca não são senão uma consequência e uma forma especial de paleocolonialismo, em que os laços com as metrópoles se tornaram frouxos e mais apagados, em favor de uma ditadura minoritária branca. Essa forma de colonização visível, clara, aberta, não impede que uma outra exista no nosso continente. Outra forma de dominação mais sutil conhecida pelo nome de neocolonialismo, em que o explorador já não se identifica com o nome de colonizador, mas que atua da mesma maneira em vários níveis. (Neto, 2010, p.323)

A visão de Neto sobre o neocolonialismo elenca vários desafios e subjetividades de pensar os sujeitos africanos e seu lugar no processo da luta pela emancipação das amarras violentas do capitalismo. Neto se destaca pela diferenciação no seu olhar macro sobre as nuances do capitalismo. Mesmo reconhecendo a importância e reforçando a necessidade de luta e organização nos desafios de questões extra-econômicas, ele (Neto) aponta caminhos de inserção do africano no sistema mundo com um modelo de pensar novas possibilidades de pensar a política e, fundamentalmente, a economia. Desta feita, reconhecendo a limitação desta pesquisa, não nos propusemos a um estudo profundo dos estudos diversos estudos disponíveis sobre o pensamento de Neto. Nos limitamos ao estudo sobre a perspectiva neocolonial de Neto a partir do discurso “Quem é o inimigo? E qual é o nosso objetivo”.

Considerações Finais

Neto nasceu no auge do colonialismo português, na atual região de Angola. Com isso, Neto teve uma vida social e profissional marcada por vários tipos de violências (simbólicas e físicas). No entanto, o posicionamento político-ideológico reflete o sentimento de repulsa do regime opressor e desumano que se constitui o colonialismo nas suas mais variáveis mutações, como o desdobramento do neocolonialismo. Por essa razão, para Neto, é imperativo saber definir e identificar quem é o atual inimigo, e qual deve ser o objetivo da luta.

Para Neto, o inimigo no contexto africano é, fundamentalmente, o imperialismo, o modelador das relações historicamente desiguais e perpetuadora do colonialismo. Muito mais do que o olhar aos sujeitos, Neto realça a importância de um combate organizado à estrutura, olhar o colonialismo e seu aliado imperialismo no quesito político e combater como sistema. Quanto aos objetivos, Neto as encara como meio e organização para superação do colonialismo e imperialismo.

Entre outros marcadores, Neto olha para a superação do sistema colonial por meio da organização em torno da mobilização pela fraternidade e equidade de todos os povos; pelo fim da desalienação; pelas discussões em torno da independência no âmbito cultural e econômico. Com esses marcadores, Neto entende como fundamentais no processo de luta contínua dos povos africanos e do mundo. Como discutido, os discursos e posicionamento político-ideológico de Neto o colocam, além da grande figura intelectual que mobilizaram as lutas pela independência política nos países africanos, no *corpus* dos estudos de uma sociologia pós-colonial. Sua incursão e leitura crítica sobre o colonialismo no continente africano destacam os desafios raciais, culturais e, fundamentalmente, econômicos.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário Pinto de. **Origens do nacionalismo africano**: Continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa: 1911-1961. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- ANDRADE, Costa (1980). **Literatura Angolana (Opiniões)**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1980.
- ANGOLA. Aspectos gerais. **Banco Mundial**. 09 de abril. 2024. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/pt/country/angola/overview>>. Acesso em: 01 de maio. 2024.
- FANON, Frantz. Em Defesa da Revolução Africana. Lisboa: Livraria Sá da Costa, Editora 1980.
- GO, Julian. **Bourdieu, Argélia e a perspectiva pós-colonial**. Traduzido por Mariana Bombo Perozzi Gameiro. Contemporânea, v.8, n.1, p.11-32, jan-jun, 2018.
- JOSE, J. Angola: independência, conflito e normalização. In: MACEDO, JR., (Org.). **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 159-179.
- KAJIBANGA, Victor. A sociologia da cultura na obra de Mário Pinto de Andrade. **Africana Studia**. nº I. p.123-141, 1999.

Dumilde Virgílio C. Artur, Uma leitura sociológica do neocolonialismo em África na perspectiva de..

KIOSA, Francisco Domingos. **Neocolonialismo na política angolana pós-independência**. 2021. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021

LARANJEIRA, Pires.(1995). **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta.

NETO, Agostinho. **Sagrada esperança: poemas**. Prefácio de Basil Davidson. Introdução de Marga Holness. Lisboa: União dos Escritores Angolanos, 1979.

_____. Quem é o inimigo? Qual é o nosso objetivo. In: Mariátegui, Gramsci et al.(Org.) **Teoria de organização política II**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 416 p.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes: de la dependência histórico-estrutural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

WOOD, Ellen. Capitalismo e emancipação humana: raça, gênero e democracia. In: WOOD, Ellen.(Org.). **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo,1995. p. 227-242.



Recebido em: 12/10/2023

Aceito em: 12/04/2024

Para citar este texto (ABNT): ARTUR, Dumilde Virgílio Carvalho. Uma leitura sociológica do neocolonialismo em África na perspectiva de Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº 1, p.541-553, jan.-abr. 2024.

Para citar este texto (APA): Artur, Dumilde Virgílio Carvalho (jan.-abr. 2024). Uma leitura sociológica do neocolonialismo em África na perspectiva de Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (1): 541-553.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>